

## EDUCAÇÃO ESCOLAR TUYUKA

Legado do Poani – Higino Pimentel Tenório aos irmãos maiores e menores Tuyuka

Dt̄po – Justino Sarmiento Rezende

Dia 18 de junho de 2020, às 23h30min de Manaus, o coração do Poani – Higino Pimentel Tenório, deixou de viver nesse patamar, patamar de leite (*õpekõ pati*) e patamar de suco doce (*tõko pati*), vítima da Covid-19. Higino é um dos Tuyuka que criou uma ponte importante entre os conhecimentos considerados tradicionais tuyuka e a construção de um novo modelo de Educação Escolar Tuyuka, fundamentando-se em conhecimentos originários tuyuka e outros conhecimentos de outras sociedades.

Com esse texto faço lembranças daquilo que ele falou sobre a Educação Escolar Tuyuka. E, completo com os trechos do que um dos assessores falou sobre essa Escola e sobre o Higino.

No ano de 2005, na comunidade Mopoea, comunidade São Pedro onde é a sede da Escola Tuyuka, eu conversei com o Higino. Higino pode fazer a sua apresentação!

Higino: eu me chamo Higino Pimentel Tenório, é nome dos brancos. Nome do *benzimento* da minha alma segundo os costumes de nossos avós é Poani. Eu estou chegando numa idade de maturidade, tenho cinquenta e um anos de idade.

Eu perguntei: Higino, como começou a ideia de construir a Escola Tuyuka?

Higino: agora eu vou contar um pouco como nós começamos a pensar e trabalhar na Escola Tuyuka para aqueles que quiserem saber desta história. Assim, quem for estudar esta história saberá contar para os outros como nós começamos. Desde o início quando nós começamos a pensar sobre a Escola Tuyuka, estava comigo o meu irmão menor (consideração étnica) Chico (Francisco) Meira, de Cachoeira Comprida (comunidade). Naquela época, nós observávamos que os estudos (escola ocidental), estavam provocando o abandono dos nossos lugares de origem, iam para colégio dos missionários em Pari-Cachoeira.

Com isto pareciam que todas nossas comunidades estavam descendo para Pari-Cachoeira. As nossas comunidades de origem estavam diminuindo muito em número de habitantes. Vendo isso, Chico Meira dizia para mim, meu irmão maior, por que nós não podemos abrir escolas aqui, como fazem os missionários, para trabalharmos aqui, ensinar para os nossos filhos ou nós não sabemos fazer?

Eu dizia para ele que, se nós fôssemos propor para os missionários que queremos fazer isso, com certeza eles aceitariam, mas só que nós não estudamos bem sobre isso, como nós não sabemos como funcionam os estudos, não dá para termos iniciativas em fazer escolas. Nós pensamos em fazer as escolas, nós pensávamos fazer escola um dia porque nós acreditávamos que a ajuda nós poderíamos encontrar. Levando este pensamento para frente, sem deixar parar, sem esquecer, falando com toda a força sobre este assunto e, se quiséssemos fazer nós encontraríamos ajuda.

Depois disso, nós criamos o CRETIART (Conselho Regional das Tribos Indígenas do Alto Rio Tiquié (1992)) com meus colegas, Anacleto (Anacleto Lima Barreto/Tukano) e seu irmão Paulinho (João Paulo Lima Barreto), pois eles queriam e propuseram criar este conselho, e eu aceitei. Eu me tornei presidente do Conselho.

Nesta época estava acontecendo o Seminário da COPIAR (Comissão de Professores Indígenas do Amazonas e Roraima), onde os professores estavam propondo ações para o governo, para as autoridades, para quem tem o poder, como os professores indígenas queriam trabalhar. Mandaram-me para lá, para escutar o que eles estavam tratando.

Eu fui neste Seminário, lá se falava sobre escola indígena, escola diferenciada, sobre a escola que queremos. Falavam, também que os estudos dos brancos, educação ocidental não estavam nos respeitando há muito tempo, há quinhentos anos que a língua dos brancos vinha destruindo as nossas línguas, pensamentos de nossos avós, conhecimentos de nossos avós, cantos/danças de nossos avós e os pensamentos que lhes ajudavam a viver bem. Isto estava acabando cada vez mais conosco e nós estávamos ficando cada vez mais desrespeitados. Lá falaram que nós devemos ter forças, pois há

muito tempo que os brancos nos humilham e com isso nós somos desrespeitados. Ao ouvir o que eles falavam, eu dizia: entre nós também é assim, dizia que eu já pensava daquela forma, que existem os meus parentes que falavam da necessidade de fazer isso, permanecer nas nossas aldeias.

Eu comecei a pensar que se pensarmos em fazer isso, dá para conseguir fazer. Depois eu participei de vários seminários. Até há pouco tempo, antes de começar a Escola Tuyuka eu participava, ainda. Este tempo foi logo depois que tinha sido aprovada a nova Constituição Federal, em 1988 pelos deputados e Congresso.

Depois disso, passados dez anos, isso só ficou escrito no papel e não foi realizado na prática. Lá tinha muitas conversas, falavam demais, propondo como iriam trabalhar, mas ficava só no papel. Não estavam trabalhando para concretizar. Um dia eu pensei comigo, eu vou concretizar isso, para ver o que vai acontecer.

Eu voltava dos seminários para a aldeia e falava para os meus parentes o que havia sido tratado nestes seminários. Dizia para eles que as coisas estavam melhorando, pois nós mesmos precisamos criar nossas escolas, para ensinar com a nossa língua, ensinar a ser aquilo que os nossos avôs eram, também aprender os conhecimentos dos brancos e saber o que destes ensinamentos nos podem ajudar, precisamos aprender a selecionar os conhecimentos dos brancos, mas a nossa cultura não se deve perder. Por isso, devemos estudar em nossa língua, escrever em nossa língua. Como nós temos mulheres do povo tukano, os nossos filhos só falavam a língua tukano e a nossa língua tuyuka estava acabando cada dia.

Vendo isso, eu disse para os meus parentes o que estava passando conosco e propus criar uma Escola Tuyuka. Algumas pessoas não queriam me acreditar diziam que eu estava falando à toa e que não iria conseguir fazer nunca, como é que iria ensinar uma coisa dessas, se muito tempo antes já se tinha sido jogado fora, se os brancos mandaram jogar fora, era sinal de que não era coisa boa, a nossa língua era má, que isto era coisa de índios, por que nós teríamos que escrever em nossa língua e ensinar para os nossos filhos, estes pensamentos que estavam presentes nas pessoas?

Dentro deste tempo, no ano de 1995, quando eu era ainda presidente do CRETART convidaram-me para ir à Áustria. Naquela época, os brancos do outro lado, falavam muito sobre estes temas indígenas. Diziam para não esquecermos a nossa cultura, pediam para que nós estudássemos a nossa cultura. Diziam que no passado eles tinham feito muito mal para nós indígenas, diziam também que, hoje, não era mais assim. Hoje era para levar outros pensamentos, e, que nós precisamos estudar a nossa cultura, crescer em conhecimento da nossa cultura. Eles insistiam muito conosco sobre isso. Eu falei lá, disse o que eu havia pensado (Escola Tuyuka) e me disseram que a ajuda nós teríamos.

Vendo isso, eu voltei muito animado e chegando à aldeia disse que vamos trabalhar do jeito que tínhamos pensado, pois já estava bem melhor e os brancos iriam nos ajudar. Disse também que a dificuldade estava na aldeia, mas com a ajuda deles nós começaríamos ensinando para os nossos filhos a escrever em nossa língua e era isso que era preciso estudar. Quando eu falei isso, muitas pessoas não gostaram. Eles diziam que eu estava falando à toa e que nós nunca chegaríamos a estudar daquela forma, diziam que com as nossas coisas nós não chegaríamos aos outros conhecimentos como a de saber pilotar um avião, coisas deste tipo. Diziam que a nossa cultura não é para escrever e que mesmo estudando a nossa cultura nós não conseguiríamos conquistar outras coisas.

Antes ainda, quando tínhamos decidido ensinar sobre a nossa cultura, José (José Barreto Ramos) foi fazer um curso. Ele disse para mim que no curso haviam dito que tinham que ensinar a nossa cultura. Eu disse para ele, titio é bom ensinar mesmo a nossa cultura. Assim, ele trabalhou durante dois anos, alfabetizando as crianças. Depois ele desanimou, não teve um bom final.

Quando nós começamos a escola aqui nós discutimos como se podia trabalhar. Os nossos filhos falavam só a língua tukano e decidimos ensinar a falar a nossa língua, isto os pais gostaram. Disseram que isso era necessário, pois a nossa língua estava desaparecendo, disseram, vamos ensiná-los. Somente nós adultos estávamos falando a nossa língua, os novos não falavam mais, como Geraldino (Geraldino Pimentel Tenório) começou a falar já jovem, também Rafael (Rafael Marques

Tenório) começou a falar já jovem, também as filhas do Feliciano (Feliciano Tenório) começaram a falar a língua tuyuka com a Escola Tuyuka.

A língua tuyuka não existiria mais, pois já estava acabando. Por isso, nós trabalhamos com isso. O meu pensamento era este: nós não vamos morrer, nós podemos morrer se perdemos a nossa língua, se perdemos a nossa língua nós podemos morrer, pois com a língua dos outros nós não podemos falar aquilo que os nossos avós falavam.

Hoje em dia eu vejo, às vezes chegam alguns brancos perto de mim, antropólogos e quando tem festa eles me perguntam o que eles estão dizendo na festa. Só que não dá para explicar certo o que está acontecendo, o que estão dizendo, pois com a língua do outro não conseguimos explicar bem o sentido das coisas. Só dá para dizer superficialmente que estão oferecendo o ipadu, não conseguimos explicar em profundidade o que ele está dizendo em nossa língua, com a língua do outro não dá para explicar.

Foi sobre isso que nós trabalhamos muito aqui, como dizem os brancos, sobre o fortalecimento da identidade cultural. Primeiro nós queríamos fortalecer a nossa língua. Sobre isto nós trabalhamos aqui na Escola Tuyuka. Esse é o mais importante. O fortalecimento da língua exigia que falássemos a nossa língua tuyuka e escrevêssemos em língua tuyuka.

Os dois elementos tinham que andar juntos, falar e escrever. Por isso, o nosso trabalho está saindo certo. Hoje, nós vemos que os alunos e os professores sabem escrever e falar a língua tuyuka. Por isso, nós professores observamos que nós estamos nos fortalecendo, estamos conseguindo, estamos acertando trabalhar com a nossa língua. Esta parte recebeu muita dedicação por nossa parte. Nós escrevemos e estudamos os nossos conhecimentos com a nossa língua. Todos os alunos aqui sabem as histórias. Foi o que nós estudamos mais, falam e escrevem, sabem algumas coisas sobre os conhecimentos dos anciãos, histórias dos anciãos, sabem as nossas histórias, história dos outros, sabem algumas histórias dos brancos.

Alguns já haviam estudado sobre a história dos brancos. Por isso, por terem já estudado na outra escola, sabiam as histórias da chegada dos brancos. Daqui para frente será diferente, se eles quiserem saber as histórias dos brancos, aí teremos que ensiná-los. Quem concluiu agora, como já conheciam a cultura dos brancos, não pediram muito para que ensinássemos sobre isso. Mas o que eles precisavam era saber falar em português e isso nós lhes ensinamos nesses anos. Eles quiseram aprender dizendo que não queriam passar vergonha, aonde chegassem gostariam de saber falar a língua portuguesa com os brancos.

Outros queriam aprender por entender que eles podem seguir estudando nas cidades, por isso, queriam aprender a falar a língua portuguesa, disseram mais, que a língua tuyuka eles já sabiam escrever. Nós concordamos com a visão dos alunos, pois com a conclusão do quarto ciclo não sabemos tudo e propomos estudar mais um pouco, mais três anos, nestes anos aprenderiam a língua portuguesa e aprenderiam a trabalhar, foi assim que começamos o chamado quinto ciclo. Como nós não temos professores para o ensino médio, o que propomos foi de acrescentar os conhecimentos. É isso que estamos fazendo. O que nós pensamos é ir estudando, ensinando durante três anos, depois que eles saírem com os conhecimentos nós vamos mostrar para o governo como nós trabalhamos, o quanto nós trabalhamos, mostrar o currículo com o qual trabalhamos, mostrar como através do estudo feito, os nossos parentes, estão vivendo melhor, é isso que queremos mostrar para o governo. Já mostramos para ele com o nosso trabalho até oitava série, aquilo que nós chamamos de quarto ciclo, se der certo, também com o ensino médio, queremos mostrar como nós Tuyuka pensamos para que, quando quiserem criar ensino médio indígena nós tenhamos um modelo, um desenho de como seria um ensino médio indígena, o que nós queremos é contribuir.

Higino, diga alguma coisa sobre como chegaram os assessores de vocês pela primeira vez?

Higino: um tempo atrás, chegavam vários antropólogos nesta região, chegavam a diferentes lugares e com diferentes famílias. A antropóloga Dominique (Dominique Buchillet) trabalhou com os Desana. Um dia eu perguntei para ela o que realmente ela vinha estudar. Ao ouvir isso, ela perguntou

se eu também estava querendo algum antropólogo. Ouvindo isso eu disse que nós Tuyuka também queríamos, mas nenhum antropólogo chegava com a gente.

Aí ela disse, tem um em São Paulo, eu sei quem é ele está fazendo mestrado. Disse que o nome dele era Aloísio e perguntou se eu o queria. Ela disse para mim que se eu o quisesse que eu escrevesse uma carta. Eu aceitei e convidei, ele chegou um dia. Ele veio de motor, conseguiu a passagem, chegou aqui. Então ele começou trabalhar aqui, como ele queria, por longo período, durante três anos ficou conosco.

Naquela época circulavam muitos comentários dizendo que os antropólogos eram maus, que os antropólogos gostavam de roubar, que levavam os nossos conhecimentos para fora e lá eles ganhavam dinheiro com isso. Sabendo disso, eu fiquei pensando que este também faria a mesma coisa. Por isso, eu disse para ele: Aloísio nós vamos fazer um acordo entre nós, você veio estudar a nossa cultura, eu também quando você terminar o seu mestrado eu quero ser antropólogo. Você me ajuda a subir, porque eu que irei ensinar mais a você. Ele concordou que seria assim. Eu disse a ele, você veio para trabalhar conosco.

Pensamento sobre escola nós já tínhamos. Eu disse a ele: nós estávamos pensando em fazer a escola. Ele disse: está bem, se quiserem fazer tal escola, eu vou ajudar a vocês, com algumas coisas que vocês precisarem ou se quiserem minha assessoria eu vou ajudar mostrando como devem fazer. Disse, essa será a forma como eu ajudarei a vocês. Eu disse a ele, o seu compromisso conosco será este, que você vai nos deixar só quando nós entendermos bem e depois que nós tivermos estudado bem. Se você nos deixar na metade do trabalho não irá prestar entre nós, pois nós iremos denunciar a você. Ele disse: está bem, não farei isso com vocês. Por isso, o trabalho de assessoria começou com ele.

Naquela época não existia o Instituto Socioambiental (ISA) aqui, faz pouco tempo que começou aqui. Enquanto ele estava trabalhando aqui, depois de dois anos chegou a mulher dele. Ela, a dona Flora, sendo uma mulher, ela nos explicou muito melhor como nós deveríamos trabalhar, organizou, mostrou como nós deveríamos trabalhar.

Depois disso a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) organizou como seria a assessoria. Em Noruega, eles falaram como o governo brasileiro, embora tivesse lei que tratasse da educação indígena, continuava fazendo a mesma coisa como vinha fazendo há séculos. Falaram que, embora haja lei que trata sobre a Educação Diferenciada, o governo fazia a mesma educação (ocidental). Lá contaram como haviam pensado em construir as escolas indígenas, ouvindo isso os membros da RAINFOREST (NORWEGIAN RAINFOREST FOUNDATION) se dispuseram a ajudar com dinheiro e pediram para fazer projeto. Foi quando fizeram um projeto chamado Projeto de Educação do Rio Negro e enviaram para lá. Por isso, o dinheiro chegava na FOIRN.

Nós tínhamos um pensamento, a dona Flora nos contou como estava organizado. Ela nos convidou para falar sobre isso na FOIRN. Naquela época o presidente era Brás França, mas naqueles dias, houve eleição e foi eleito o Pedro Garcia. Vendo isso, nós propusemos uma forma de arrancar o dinheiro para a nossa Escola, iríamos ver quanto nós precisaríamos, fizemos aqui mesmo o que nós iríamos precisar para apresentar na FOIRN. Assim surgiu o chamado Projeto Tuyuka, que é componente da FOIRN, do Projeto de Educação do Rio Negro, também hoje está dentro disso.

Só o dinheiro que é descentralizado. A coordenação da FOIRN passou para nós a administração do dinheiro do Projeto Tuyuka, no início não queriam. Nós é que pedimos que nós mesmos, poderíamos administrar o dinheiro, pois assim nós aprenderíamos a administrar e, dissemos para eles que se eles ficarem administrando por nós, nós nunca iríamos aprender. Eles concordaram e, por isso, mesmo que seja um mesmo programa, o dinheiro para Projeto Tuyuka já vem separado de Noruega. Assim que começou a questão da assessoria. Naqueles dias, para serem assessores, a Flora entrou no ISA. Por isso, a dona Flora nos assessorou muito bem.

Nós não conhecíamos tão bem como o governo era. Eles disseram para nós, que iríamos sentir dificuldades, ficaram de ajudar naquilo que fosse difícil para nós, e os trabalhos que fossem fáceis, nós continuaríamos fazendo. Eles ficaram de nos ajudar nas questões de negociação,

burocracia, iriam ajudar com os papéis e disseram para nós trabalharmos com o que nós sabíamos trabalhar. Eu disse: está muito bom, nós não sabemos destas coisas dos brancos, vocês é que sabem destas coisas, vocês são netos de quem sempre falou disso, conversem entre vocês, a nosso favor, e, para nós está bem o que nós queremos trabalhar, nós vamos trabalhar aqui. Assim surgiu a assessoria.

Perguntei ao Higino: e a Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira como fez com os estudos de vocês na questão de reconhecimento?

Higino: os prefeitos sempre mudam rápido. Com as suas mudanças, muitas vezes, as coisas ficam difíceis. Aqui apareceu um que pensavam bem sobre a escola indígena, Amilton (Amilton Bezerra Gadelha, 1997-2000). Mesmo considerado ruim por muitos, ele tinha boas ideias sobre a escola indígena e apoiava a educação indígena. Ele havia feito a Lei Orgânica (do Município), tinha estabelecido o plano de carreira dos professores indígenas, havia criado a categoria de escola indígena. Logo depois que terminou o mandato dele, entrou outro (Raimundo Quirino Calixto, 2001-2004), este já não quis mais saber disso.

O primeiro reconhecimento da nossa escola aconteceu, não por vontade política dele, mas por causa de nossa pressão, nós pressionamos, falamos que nós queríamos, pois isto estava garantido na lei, por isso, reconheceram. A secretária municipal de educação daquela época não queria nem saber, ela dizia que nós não deveríamos ser diferentes dos outros, e, nós dizíamos para ela, que a lei amparava a nossa prática, nós levávamos para ela os nossos trabalhos para mostrar o que estávamos fazendo, vendo isso, começou a acreditar no nosso trabalho, foi com o prefeito para pedir o reconhecimento, criação da escola indígena, ato da criação da nossa escola. De repente, sem a gente esperar ela nos entregou, dizendo que a nossa escola já possuía o ato de criação, assim ela nos entregou, no dia 25 de março de 2001.

Ali aconteceu o primeiro passo para o reconhecimento da nossa escola. Mesmo depois disso continuamos tendo dificuldades e dessa vez era a respeito do termo Escola Diferenciada. Os assessores diziam para nós que quando se denominam uma Escola Diferenciada, ela terá que ser diferente em tudo, no boletim de notas e nas frequências dos alunos e vocês que devem definir como marcar as frequências, como trabalhar com as notas. Se decidirem não dar notas devem encontrar outra forma, vocês é que deverão encontrar uma forma, diziam para nós. Esses elementos ficaram muito tempo sem serem reconhecidos.

Na Secretaria (da educação do Município) nos diziam que queriam as notas dos alunos e que nós tínhamos feito de qualquer jeito e daquele jeito não queriam. Nós dizíamos, para nós não é assim, nós trabalhamos na Escola Diferenciada, esta forma de trabalhar é que nós organizamos e nós estamos obedecendo a isso, nós decidimos que usaremos o sistema de avaliar o aluno com o parecer descritivo. Nós estamos obedecendo a isso, dizíamos. Vocês é que não estão querendo nos obedecer, esta forma de trabalhar é à vontade das pessoas da comunidade, vocês é que não obedecem. Depois de ficar dizendo isso por muito tempo acabaram aceitando.

Também não queriam reconhecer a nossa Política Pedagógica, por isso, há pouco tempo atrás resolvemos na base da pressão. Promovemos uma audiência pública. Discutimos por que nossa Escola não recebia nenhuma assistência e a merenda escolar não chegava bem, chegaram muitas pessoas da SEDUC e do Ministério da Educação. Por isso, há pouco tempo atrás pressionamos para que reconhecessem a nossa Política Pedagógica. Parece que nestes últimos dias reconheceram nossa Política Pedagógica, eu também não vi, ainda. Agora que a prefeitura, com a nova secretária da educação (Irmã Edilúcia de Freitas) que começa a reconhecer os nossos trabalhos aqui no município, pois a nossa escola é municipal. Lá no MEC faz tempo que está reconhecida, eles sabem que o nosso trabalho está sendo bem desenvolvido. A dificuldade está perto de nós (no município), a dificuldade está aqui no começo.

Higino, como acontece o processo de Ensino-Aprendizagem na Escola Tuyuka? Como é que vocês estudam mesmo?

Higino: a ideia que tivemos era que os alunos estudariam, mas imaginamos de que forma eles aprenderiam melhor. Nossa forma de aprender funciona através de pesquisas, professor será pesquisador, o aluno será pesquisador, nós não seremos professores, mas ensinaremos aos alunos aquilo que sabemos. Aquilo que nós não soubermos, o nosso parente ancião sábio será como professor, ele virá aqui e nos ensinará, esta era a nossa ideia. Também os alunos quando não souberem eles vão pesquisar. Pesquisam em casa. Depois trazemos para sala de aula, eles mostram como eles trabalharam. O professor avalia o trabalho e às vezes, quando o trabalho não está bem feito, pede para pesquisar novamente, e, eles vão.

Assim nós trabalhamos, mas como nosso trabalho está iniciando nós não temos livros escritos, mas os nossos conhecimentos estão somente na memória, nós nos tornamos pesquisadores. Os alunos trabalham com aquilo que antes nada estava registrado. Nós aprendemos pesquisando, aquilo que o professor não souber, ele vai pesquisar com os anciãos, mesmo sendo professores somos pesquisadores. Os alunos pesquisam junto aos anciãos. Nós também para explicarmos melhor aos alunos vamos pesquisar com os anciãos. Os anciãos ficam na escola, eles não estudaram nas escolas, mas são pessoas que já construíram conhecimentos, se pensarmos bem, eles que são verdadeiros professores. Esta que é a realidade.

Higino: de onde vocês ouviram dessa forma de trabalhar ou foram vocês mesmos que criaram?

Higino: a assessoria disse para nós que, também entre os brancos existem as chamadas Escolas étnicas. Dizem que em São Paulo existe uma escola, uma escola dentro da realidade, escola do operário, escola dos favelados, onde eles trabalham com a realidade deles. Disseram para nós que devíamos trabalhar com a nossa realidade, com a cultura de nossos avós, com os pensamentos de nossos avós, com os trabalhos de nossos avós, perguntando, pensando, escrevendo, trabalhando, descobrindo como eles faziam, isso seria para nós uma vida. Por isso nós trabalhamos com isso.

A nossa vida aqui está boa, por isso, nós pensamos nisso, ajudar a mãe, ajudar nos trabalhos, vai estudar. Aqui nós lecionamos durante quinze dias, quando precisamos mais tempo chegamos até vinte dias. Depois de vinte dias nós mandamos os alunos para suas famílias. Se nós ficarmos muito tempo com eles, eu já via, pois uma vez eu deixei a minha filha no colégio dos missionários, porém deixei-a aos cuidados de uma família, quando eu fui buscá-la e trouxe de volta para casa, ela havia esquecido aquilo que ela ajudava a mãe, esqueceu quase tudo, estava preguiçosa, quando pedia para varrer a casa, não queria mais varrer. Ela havia ficado como aluna externa, talvez a família onde ela morava não mandava fazer as coisas, pois os filhos dos outros sempre causam medo.

Por isso, aquilo que faz parte da vida dela, ela havia perdido. Por isso, sabendo destas experiências, nós ensinamos e liberamos para voltarem para as suas famílias. Nós não queremos que os alunos percam o ritmo da casa, se concentrarmos os alunos aqui durante um ano, nós estaríamos estragando os filhos dos outros, com estes pensamentos é que nós trabalhamos de forma diferente.

O que os professores da Escola Tuyuka ensinam? Como é que eles ensinam?

Higino: os professores na escola dos brancos, eles usam um currículo disciplinar, dão aula a partir daquilo que já vem determinado. Quem ensina matemática só ensina matemática, quem ensina português só português, quem ensina geografia só geografia, ensina o conteúdo que já vem preparado. Por isso, os professores que estão aqui, no início como não tinham livros, pareciam que não sabiam ensinar, nesta escola diferenciada. Eu observei os professores que trabalham comigo e, eles diziam, nós não temos livros, como é que nós podemos trabalhar. Aqui não é mais como era lá, pois aqui num mesmo tema já estão presentes, aquilo que os brancos chamam de temas transversais e interdisciplinares, é isso que tem aqui.

Quando um professor está falando de um tema, lá também está matemática, geografia etc. É neste ponto que nós professores sentimos muitas dificuldades. Quem já trabalhou como professor

durante vinte anos, segundo o modelo dos brancos, acostumado a sempre repassar os assuntos, ele já estava muito acomodado e sua cabeça já estava acomodada. Ele era como alguém a acostumado a comer comida já preparada no prato, se não tiver este prato pronto ele iria passar fome, fome de sabedoria e fome de conhecimento. Este professor tinha se tornado um professor preguiçoso. Até hoje, alguns professores têm as mesmas dificuldades, ainda não compreendem, pois eles tinham se tornado como um aparelho de gravação. Gravavam os conteúdos dos livros, quando acabava aquele livro não sabiam mais onde encontrar outros conteúdos.

Lá na escola dos brancos, a gente dá aula o que foi dito que se deve dar naquele dia. Quando o aluno não aprendia tínhamos que bater e dar os cascudos. Aqui não é mais assim. O professor tem que consultar ao aluno sobre o que ele quer aprender, depois que o aluno diz o que ele quer aprender, o professor quando não souber um tema ele deve dizer que não sabe e convidar o aluno para sair para a pesquisa. Atualmente nós pensamos em trabalhar assim. No passado não existia isso, o professor era aquele que sabia e os alunos eram aqueles que não sabiam, o professor estava ensinando para quem não sabia. Aqui é diferente, aqui o professor deve dizer que não sabe de um tema, ele sabe pesquisando, ele deve dizer para o aluno, vamos pesquisar juntos.

Higino, como é que os alunos aprendem no Processo de Ensino-Aprendizagem na Escola Tuyuka?

Higino: no tempo de estudos, quem quiser conhecer vai pesquisar. Aqui nós não ficamos acompanhando de perto, não ficamos controlando o aluno. Nós deixamos que os alunos possam voltar para as suas casas, mas falamos para que eles estudem. Pedimos que quando forem para casas mostrem para as mães, o que estudaram, o que aprenderam a plantar, aprendam a viver com aquilo que aprenderam.

Outra coisa que trabalhamos em qualquer lugar é sobre o lixo e sobre as doenças, de acordo como eles pediram. A meu ver os alunos já aprenderam demais sobre o lixo (coleta de lixos), em qualquer que você entrar não vai encontrar lixo. Os estudos que fazemos devem gerar a vida. Por isso, nós estudamos o que vai trazer a vida para as pessoas. Eles vivem isso, aqui na Escola como nas suas casas, acrescentam seus conhecimentos com a prática. Também com relação à plantação acontece a mesma coisa. Sobre as leis também, eles conhecem as diversas leis que falam sobre a educação, sobre os seus direitos. Por isso, em qualquer discussão eles sabem falar a partir do conhecimento da lei.

Higino, as pessoas das comunidades como é que elas faziam para ajudar em vossos estudos aqui na Escola Tuyuka?

Higino: os moradores das aldeias ajudavam ensinando e vendo. Para mostrar que os alunos estavam aprendendo, nós convidamos os moradores da aldeia para que participem das exposições dos trabalhos dos alunos e que os alunos iriam explicar para os moradores sobre os temas estudados. Depois que acabavam de explicar, a comunidade ia entendendo como funcionava uma realidade, e, chegando a casas eles ajudavam aos seus filhos, lembrando para o filho o que ele havia falado na exposição, perguntavam se estava lembrado do que falou. Assim os pais ajudavam no crescimento dos conhecimentos de seus filhos.

Também a comunidade e o capitão (líder da comunidade) lembravam para eles do que eles falavam na exposição, e, lembravam para eles do que ainda falta para aprenderem. Assim que funciona, se não fizer isso, não funciona. Quando não se apresentavam os trabalhos para a comunidade, a comunidade parece que não ajuda. A meu ver, a apresentação dos trabalhos na comunidade é muito importante. Quando tem a exposição os moradores da aldeia participam e depois ajudam a lembrar do que falaram. Quando não apresentam os trabalhos à comunidade fica alheia, como se não estivesse sabendo nada dos alunos, assim eu vi. Durante este ano (2005) esta parte foi fraca aqui, no ano anterior nós trabalhamos muito nesta parte. Por isso, a comunidade ajudou muito aos alunos no ensino.

Higino, aqui que se estuda aqui como ajuda na vida das pessoas e das suas comunidades?

Higino: antes de começar a Escola Tuyuka eu vivia muito isolado, sozinho mesmo, vivia individualmente. Hoje com a Escola, como dizem os brancos, tenho mais vontade, sinto como membro. Eu vejo que os meus parentes querem crescer e veem o que está melhorando com a Escola, com os estudos começamos a pensar juntos, começamos a viver juntos, estamos juntando de novo, formando uma comunidade, uma coletividade.

A nossa Escola Tuyuka está provocando o bem estar entre nós, com isso eu me sinto muito respeitado e me faz sentir bem. Da mesma forma a língua tuyuka, a língua foi a meu ver a maior conquista. A língua tuyuka voltou a ser mais viva, estamos começando a viver e a Escola influenciou muito para que isso acontecesse. Os moradores da comunidade de Assunção (Onça-igarapé) só falavam a língua tukano, não dava para conversar bem com eles, mesmo sendo um Tuyuka tinha falar em língua tukano. Hoje não tem mais isso, a Escola influenciou muito para a volta da língua tuyuka, linguisticamente tornamos fortes.

Os alunos que estudaram aqui, quando são convidados para trabalhar por uma família e pela comunidade, trabalham com muita alegria. É isso que eles ajudam mais. Nós vemos que eles ajudam a suas mães com alegria. No dia do trabalho comunitário eles que chegam por primeiro, ajudam nos trabalhos, nunca faltam ao trabalho. Nos anos anteriores não era assim. Quem estudou em Pari-Cachoeira dizia: eu iria trabalhar com a comunidade se eu estivesse sendo pago, se eu fosse pago iria ajudá-los. Este tipo de pensamento não existe, hoje. Nós percebemos muito isso. Está começando a fortalecer, mas é preciso insistir mais, ainda. Se esquecer de insistir será fácil acabar novamente.

Antes do começo da escola era muito ruim em dias de festas. Enquanto nós tocávamos e dançávamos cariço aqui com a comunidade (Casa Comunitária) os jovens entravam em outra casa, tocavam a música dos brancos para dançar. Hoje em dia não existe mais aqui. Não há quem fica querendo dançar outras músicas, ficamos num mesmo lugar. Quando está acontecendo danças tuyuka, todos estão dançando lá, uns tocam/dançam o cariço, todos os meninos/as. Por isso, eu insistia muito com eles, nós pessoas humanas temos que ser corretos. Quando acontecem danças dos brancos, vamos todos dançar e nos alegrar, se têm danças tuyuka vamos todos participar e alegrar. Quem não gosta, também deve ficar lá, se gostar de alguma música participa. Por isso, as festas aqui estão funcionando bem. Só não vai quem está adoentado. Temos dias para dançar as músicas dos brancos, dias do caxiri e de nossas tradições. Hoje eu vejo assim, antes não existia isso.

Higino, segundo a sua visão por que eles começaram a gostar disso?

Higino: a meu ver, o fato de gostar de nossas tradições depende muito dos pais. Se o pai mostra que aquilo é nosso e que precisamos valorizar isso, todos de sua família irão gostar. Se um pai de família começa a dizer que as nossas tradições não prestam, todos os seus filhos não irão gostar. Por isso, o meu ver os adultos que colocam o valor. A Escola precisa colocar o valor das tradições, pois os alunos estão olhando para nós, por isso o professor tem que colocar como valor a nossa cultura e os pais, também. Parece que assim funciona melhor.

Higino, depois que começou a Escola Tuyuka como é que você se sente sendo Tuyuka?

Higino: depois de seis anos eu me vejo assim. Eu estou vendo que o que eu pensei está saindo corretamente, é sentimento de que acertamos e fico feliz porque está bem. Eu vejo que sobre o que eu havia pensado, concretizamos e deixei pensamentos para os meus parentes, eu acertei trabalhar com isso, não sozinho, mas com a ajuda dos meus colegas professores e com a ajuda das comunidades acertamos tudo isso, penso comigo. Eu não saberia dizer como pensam os outros, mas eu penso que acertamos, mas depois destes seis anos é necessário ir fortalecendo os ideais, mas digo também que vai ser fortalecida porque muitos estão estudando, outros estão estudando na universidade, seremos mais fortes posteriormente, todos seremos fortes. Penso comigo, no início, eu andava falando sozinho, o que eu dizia para alguém ou para os outros, agora está concretizado, e, os meus parentes sabem do que já existe.

Higino, e as mulheres de outros povos Tukano, Desana, Bará, Yebamasa como é que elas ajudavam na Escola Tuyuka?

Higino: nossas mulheres tukano no início perguntavam, por que, nós queríamos estudar as coisas detestáveis dos Tuyuka. Depois que começou a Escola, elas falam que nós estamos estudando o que é nosso. Elas (tukano) continuam falando a língua delas, mas não sabem falar a nossa língua tuyuka. Mas mesmo assim ajudam dizendo que nós estamos falando a nossa língua, que são coisas nossas.

Elas dizem que é isso que vocês precisam fazer, são riquezas de vossos avós. Elas dizem que querem o bem dos seus filhos, que falem na língua deles, que aprendam a trabalhar e vivam bem. Elas querem o bem dos filhos, dizem para os filhos estudarem, dizem que é de vocês, estudem bem. Dizem para os seus filhos não desanimar. Com isto elas ajudam bastante. As mulheres sábias, quando vão pesquisar com elas, elas informam sobre o que sabem e dizem como é. Sobre os trabalhos, elas dizem como se deve trabalhar. As mulheres que ouviram conhecimentos do pai, dizem, o meu pai me falou assim. As mulheres Bará são diferentes das tukano, elas falam só a língua tuyuka, parece que elas gostam mais da nossa língua. Da mesma forma as mulheres Yebamasa falam a língua tuyuka.

Higino, um dia desses, você me disse que, mesmo que esta escola seja uma Escola Tuyuka, pessoas de diversos povos estudam aqui nesta Escola. E, você disse também que está pensando noutra realidade que trata da educação intercultural. Como você está vendo essa questão?

Higino: aqui, a respeito de trabalhar com as pessoas de diversos povos, atualmente temos pouca coisa preparada. Falamos para os professores que durante as aulas, para que os alunos de outros povos não esqueçam suas línguas, devem dar um espaço (tempo), peçam para que eles falem nas suas línguas ou quando chega alguém de seu povo pedir que entre na sala, que conte suas histórias e que conte em sua língua, para quem é Yebamasa e Bará.

Esta é a forma com a qual trabalhamos, por enquanto. Mesmo pensando assim, nós ainda não conseguimos uma forma melhor para trabalhar com a questão da interculturalidade, não conseguimos preparar, ainda, está difícil para nós. Quem sabe daqui para frente (com ensino médio) é que vamos pensar melhor, como ensinar nessa situação ou dividir em grupos por etnias, mesmo estudando na mesma escola, para que eles não esqueçam suas línguas e evitar o etnocídio. Essa realidade que preocupa para quem é coordenador, dá medo, pois nós pensamos em estar repetindo a mesma coisa que fez a educação ocidental?

Na Escola Tuyuka, somente a língua tuyuka vai ter a primazia, supremacia, superioridade, desrespeitando outras línguas? Se pensarmos assim aqui está o risco que futuramente pode ocorrer, levando a outros dizerem que a Escola Tuyuka fez isso com outras etnias, isso pode causar vergonha para nós. Está assim no momento, nós nos preocupamos com isso, mas não temos um método que nos ajude a trabalhar melhor com esta questão.

Higino, se compararem os estudos dos brancos e os estudos daqui onde está diferença?

Higino: para nós, o que podemos dizer que é novidade é o fato de termos decidido e construído uma política educacional. Nós mesmos fizemos isso, professores e comunidade, eles decidiram o que deveria ser ensinado. Outra novidade é fato de estarmos trabalhando somente com professores Tuyuka, se queremos admitir o outro, ele tem que ser alguém que fale a nossa língua. Outra novidade trata sobre a nota. Nós não temos a frequência (chamada dos alunos). Nossos alunos não faltaram nenhum dia de aula, mesmo que não tenha a frequência, este é o melhor modo que temos.

Na escola ocidental nós íamos para aula com medo de levar falta. Essa escola é diferente, os alunos não têm medo, não existe a falta. Nós ensinamos a gostar da Escola, ensinamos coisas boas. Nós falamos para eles, venham estudar com gosto, pois nós vamos ensinar para eles o que será para vida deles, por isso, eles vêm. Nota nós não damos, pois sabemos que toda pessoa é conhecedora das coisas. Um sabe nadar, outro sabe pescar, ao nosso modo de ver a nota não olha para a questão do

saber do aluno, mas somente aquilo que ele fez naquele momento (prova, trabalho). A nota exclui outros conhecimentos que a pessoa possui.

Higino, no início, vocês pensaram uma forma para ensinar aos seus filhos, para que eles conseguissem aprender certas coisas. No seu modo de ver, depois dessa primeira que turma que terminou, pode se dizer que vocês atingiram o objetivo?

Higino: para nós, o que nós queríamos muito era fortalecer a nossa língua, aquilo que nos deixava como mortos, já conseguimos concretizar, acertamos mesmo em fazer esse trabalho de recuperação da nossa língua. Se nós não tivéssemos feito isso, nesse ano já não existiria mais a nossa língua. Essa conquista é que nos dá prazer de dizer que somos Tuyuka, falantes de nossa língua tuyuka e podemos dizer que falamos a nossa língua. Com isso podemos dizer que estamos vivendo de novo.

Higino, quando as pessoas de outros povos, pessoas de outras regiões, quando os brancos vão conhecendo os vossos trabalhos como você pensa sobre isso?

Higino: nós estamos servindo como referências de trabalho nesse campo para os outros. Veja você, que o que nós pensamos e o que nós trabalhamos já estão indo à região do Pirá (Pirá-Paraná/Colômbia). Eles levam para lá o que trabalhamos aqui. Dizem que vão trabalhar como nós trabalhamos aqui. Diante disso eu penso assim: se mostrarmos os nossos trabalhos, um dia será que os indígenas vão mostrar para os brancos os seus trabalhos, seus conhecimentos, mostrarão que são fortes, que são respeitados pelos brancos? A partir do que nós mostramos para os brancos, eles nos respeitam, eles dizem que nós sabemos, antes eles diziam que nós não sabíamos nada, diziam que éramos pessoas sem sentimentos, que éramos ruins, que nós não tínhamos conhecimentos, mas agora eles vendo o que nós fazemos e espalhando as notícias de nossos trabalhos estão nos ajudando, eu penso assim.

Concluo com os testemunhos do Professor José Ribamar Bessa Freire, são “extratos” de uma entrevista feita no dia 21 de setembro de 2006.

“Eu estive entre os Tuyuka duas vezes. Uma vez para avaliar a escola. Eu fui como avaliador dos projetos FOIRN/ISA [Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro/Instituto Socioambiental] no Rio Negro. E, um dos objetos da avaliação era a Escola Tuyuka. Depois eu fui convidado para dar uma Oficina de História, ensino de História”.

“A organização [da Escola] eu achei fantástica! Você passa quinze dias numa aldeia. Os alunos de outras três [duas?] vêm, assistem as aulas. E, voltam para casa. Passam quinze dias em casa, pesquisando, etc. Depois vão se reunir numa outra aldeia. É rotativo. Isso é muito legal”.

“Eu assisti, por exemplo, uma aula dada por uma professora, numa sala multi-seriada, onde tinha alunos de cinco e seis anos que estavam aprendendo a ler; alunos de sete, oito, nove e dez anos que já tinham uma prática de leitura e escrita. O que é que nosso Sistema Nacional de Educação e como é que ele encara isso? É impossível trabalhar, você tem que separar. Por quê? Porque a diversidade é vista como obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem. Então, você não pode colocar pessoas que não são alfabetizadas com pessoas recém-alfabetizadas e com outros que já estão lendo e escrevendo que são maiores porque são muito diferentes. Tem de agrupar de acordo com as características comuns de cada grupo. De repente, eu vejo essa diversidade que a gente vê como obstáculos, os Tuyuka usando como recurso pedagógico. O que é que eles fizeram? A professora pediu para as crianças que não sabem ler e escrever, que estavam aprendendo, para entrevistarem os velhos para trazerem histórias, narrativas dos velhos. As crianças vieram no dia seguinte e contaram as narrativas que elas tinham ouvido. Enquanto elas estavam contando, quem sabia ler e escrever escrevia as histórias que as crianças estavam contando. A professora pegava e corrigia a escrita, e

usava este texto para alfabetizar os alunos. Então, digamos que há uma relativa harmonia naquela forma de trabalhar a diversidade dentro da sala de aula. Isso é achei fantástico!”

“Como já disse a Escola Tuyuka não se enquadra dentro do que chamamos de Escola Bilíngue. Ela é uma Escola Monolíngue. Que lindo! Meninos de cinco e seis anos, lendo e escrevendo em tuyuka fluentemente. Na oficina que eu dei depois, foram alunos de nove e dez anos que fizeram registro. Você precisava ver a capacidade de escrever tudo em tuyuka! E, depois eles pegavam aquilo ali e falavam em tuyuka e alguém traduzia para mim, pois eu não domino a língua [tuyuka]. Mas eles estão insistindo na questão da língua. Eu perguntei do Higino [Higino Pimentel Tenório – diretor da Escola Tuyuka]: mas quando essas crianças terminarem aqui o Ensino Fundamental e quiserem sair para fazer Segundo Grau, por exemplo, como é que elas vão fazer, se vocês não estão trabalhando muito a língua portuguesa? Aí ele [Higino] me disse uma coisa que eu achei fantástica, uma coisa que deveria estar presente na maioria das escolas indígenas: *o objetivo da Escola Tuyuka não é formar pessoas para fazer o Segundo Grau. O objetivo da Escola Tuyuka é ensinar a trabalhar com a vida tuyuka, ensinar as crianças a viverem bem aqui entre os Tuyuka*”.

“Mas, Higino, e se a criança quiser fazer o Segundo Grau? Ele disse: *nós já pensamos nisso! Nós vamos fazer uma espécie de vestibulinho aqui. Pega seis meses e trabalha os conteúdos com quem quiser ir mais adiante*”.

“Eu fiz outra provocação e digo: Higino, o Município de São Gabriel reconheceu o Tukano, Baniwa e o Nheengatú como línguas co-oficiadas ao Município, qual a política a Escola Tuyuka vai ter, por exemplo, em relação ao Tukano que uma língua co-oficial? Ele me deu uma resposta que eu achei genial! Disse: *nós estamos esperando para ver o que é que os Tukano vão fazer com tuyuka nas escolas deles. E, nós vamos fazer exatamente com o tukano! Enquanto eles não fazem nada nós, também, não fazemos nada!*”

“Higino é um sábio na área de educação porque ele acumulou tudo aquilo, que é da tradição tuyuka e, também, aprendeu nesse contato com o mundo lá de fora. Pois, eu acho que não é de desprezar esse contato”.

“Uma maloca tuyuka é uma contribuição enorme de civilização! Aquilo lá é uma coisa emocionante! Você entra, eu não estou exagerando porque eu fiz isso, você bota o braço meio-dia para fora, você está em baixo da linha do Equador. Você bota braço para fora, queima, queima o braço. É agradável isso! O pé direito [da maloca] altíssimo. O material que trabalha palha e madeira. O chão de barro batido. É uma sabedoria! Não é qualquer indivíduo, não é qualquer cultura que chega a conceber essa forma de construção! Nós não tivemos no Amazonas aquelas construções, aqueles monumentos que teve no Machu Picchu [Peru], de pedra e aquelas pirâmides do México, mas nós tivemos uma coisa que o tempo pode acabar com a palha e madeira, mas não acaba com a forma de construir. (...). Como é possível os Tuyuka, eles estão aí há séculos e séculos, olhando e observando o que é melhor. A maloca tuyuka é uma catedral. Você entra e vê aquela coisa magnífica! (...). Você entrar numa maloca tuyuka dá, também, aquela sensação de que você está na frente de uma civilização! Eu acho que essas coisas são importantes. É importante o Tuyuka ter consciência disso para começar a educar e informar a sociedade regional, nacional de que esses conhecimentos são conhecimentos que não se podem perder, pois são contribuições da civilização”.

“Eu vi a filha do Higino de 15 anos [Dulce Maria Barreto Tenório, hoje com 17 anos], tinha lá uma oficina de formação de agentes agro-florestais. Estava lá o Renato do Acre dando oficina.

Eu estava com Pieter [Pieter van der Veld – agrônomo], o holandês. A gente estava lá fora. Veio a filha do Higino e chegou ao quadro e ela foi listando 68 variedades de mandioca que ela conhece. O nome termina com – kiriktɔ. E, o Pieter que estava comigo, olhou para mim e disse: pelo menos duas ou três variedades nem a tua Universidade nem a minha, nenhuma Universidade do mundo conhece. E essa menina de 15 anos tem um saber que não é pessoal, mas um saber coletivo”.

“Os Tuyuka estão aí. São 1000 pessoas que falam a língua, 500 na Colômbia e 500 aqui. O que é que o Aryon diz: enquanto a língua está sendo falada existe como língua. Ele diz que as línguas faladas são como peças de quebra-cabeça. Quando desaparece uma língua é como se desaparecesse uma peça desse quebra-cabeça, e depois você tem dificuldades para recompor os termos do conhecimento humano. Então, a língua Tuyuka, ela não é importante para os Tuyuka só, ela não é importante para os índios do Brasil só, ela é importante para a humanidade! Por isso que hoje, UNESCO e organismos internacionais estão preocupados com aquilo que eles chamam de línguas em perigos. Eles sabem que se desaparecer a língua tuyuka, desaparece um pedacinho da humanidade. E, você não deve deixar desaparecer isso! Eu acho que a Escola Tuyuka está apontando para isso”.

“Eu acho que a Escola Tuyuka pode contribuir para gerar políticas públicas e já está contribuindo, porque eu descí, por exemplo, lá em baixo no Uaupés. Eu paro lá e me parece que era Cunuri [em Uriri, a Gorete lecionava]. Lá estava professora alfabetizando em tukano, a professora era Gorete que tinha sido professora na Escola Tuyuka e tinha levado isso para lá. Os Tukano estão aprendendo com os Tuyuka. Aos Tukano lá de São José [Escola Tukano – Yupuri, Rio Tiquié], eu dei uma oficina um ano depois. Eles olharam a Escola Tuyuka e disseram: nós queremos isso, também. Então aquela experiência piloto começa a se alastrar um pouco e servir de modelo para outros trabalhos”.